



O RACISMO E SUAS AMARRAS: AVANÇOS E RETROCESSOS NOS MODELOS CULTURAIS

Elisabete Cristina Hammes
Universidade Federal da Fronteira Sul- Campus Erechim
elisabete.hammes@gmail.com

Cristiana Paula Giroto
Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus E
cristiana.giroto@uffs.edu.br

O racismo faz parte da constituição de muitas sociedades. Compreender o porquê da existência e permanência desse mecanismo de diferenciação racial, e atuar sobre suas formas de estruturação poderá contribuir para a modificação desse sistema de opressão e destruição de singularidades. Historicamente há a tentativa de superação dessa estrutura, que se mantém baseada em hierarquias, onde o homem branco é superior à mulher branca, esta, ao homem negro, e assim segue-se nivelamentos inter cruzados por questões de classe. Nos baseamos nas três categorizações postuladas por Zigmund Bauman para o conceito de cultura, para compreendermos um dos mecanismos desse processo. O entendimento de cultura numa perspectiva hierárquica tem atuado para manter o racismo nas mais diversas variantes. Bauman (2012, p. 93) explica que: “A noção hierárquica de cultura é saturada de valor.” E por isso não existem culturas, apenas *a cultura*, pois “[...] existe uma natureza ideal do ser humano, e *a cultura* significa o esforço consciente, fervoroso e prolongado para atingir esse ideal, para alinhar o processo de vida concreto com o potencial mais elevado da vocação humana.” Este conceito, que surge na Grécia Antiga e é apropriado por algumas potências europeias (como os ingleses, franceses e alemães), justificou a ação de povos europeus na conquista de territórios através da imposição de suas lógicas. Como aponta Fleury (2003, p. 18): “De modo particular, no mundo ocidental a cultura europeia tem sido considerada natural e racional, erigindo-se como modelo da cultura universal. Desse ponto de vista, todas as outras culturas são consideradas inferiores, menos evoluídas, justificando-se, assim, o processo de colonização cultural.” Bauman descreve ainda o conceito de cultura na perspectiva diferencial, que surge a partir da revolução industrial, pela necessidade de expansão dos mercados europeus a outros povos, de forma que assimilem sua cultura “superior” e adquiram seus produtos. Por fim, Bauman apresenta o conceito genérico de cultura, onde a capacidade humana de estruturar e ser estruturado é o que constitui a base da cultura como conceito genérico: “A noção genérica de cultura, portanto, foi cunhada para superar a persistente oposição filosófica entre espiritual e real, pensamento e matéria, corpo e mente.” (2012, p. 153). Frente a estes diferentes conceitos, percebemos



avanços e retrocessos no uso e interpretação social de cultura, onde, apesar de haver avanços do conceito hierárquico para o conceito diferencial, para a elite governante interessa estabelecer critérios de diferenciação e superioridade. O racismo se desvela na produção das identidades, que se orienta por um padrão hegemônico referenciado na cor da pele (branca) e do cabelo (loiro), no estilo das vestimentas, nos estilos musicais, nas religiões autorizadas ou negadas, nos conhecimentos e ciências permitidos ou apagados. A insistência na intolerância contra o diferente, que é posicionado em um patamar inferior, marca o racismo cultural como uma retomada da lógica hierárquica de cultura. Percebemos, nessa disputa de conceitos, a produção de um modelo de sociedade que não só exclui, como menospreza e atua no apagamento da história e das características culturais daqueles que foram usados como força de trabalho escravo no período colonial. A lógica presente nos três conceitos de cultura nos permite localizar as disputas de cunho político, econômico e ideológico, e aponta a necessidade de manter as diferentes expressões culturais vivas e valorizadas, de cultivá-las, de torná-las ferramentas de preservação da diversidade que combate a homogeneidade, da pluralidade que resiste a um modelo único de ser, viver e coexistir. O retrocesso para um modelo hierárquico de cultura significa profundos retrocessos no modelo civilizatório, e o Brasil precisa resistir, retomando a caminhada e os avanços já conquistados. Os espaços educativos podem contribuir nesse processo, através de dinâmicas de valorização da diversidade cultural.

Palavras-chave: Racismo, conceitos de cultura, pluralidade cultural.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. Cultura como conceito. In: Ensaio sobre o conceito de cultura. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2012. p. 83-154.

FLEURY, Reinaldo Matias. Intercultura e Educação. Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro, AnPed, n.23, maio/ago, 2003, p. 16 a 35. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/SvJ7yB6GvRhMqcZQW7WDHsx/?format=pdf>